

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

ARQUIVOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: NOVOS DESAFIOS NA RELAÇÃO FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

Amarildo Luiz Trevisan, Bibiana Silveira Nunes Luft, Alexandre Oliveira Silva, Bruna Quoos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4709>

Submetido em: 2022-09-09

Postado em: 2022-09-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

ARQUIVOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: NOVOS DESAFIOS NA RELAÇÃO FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO¹

AMARILDO LUIZ TREVISAN²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3575-4369>

BIBIANA SILVEIRA LUFT³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9994-4241>

ALEXANDRE OLIVEIRA SILVA⁴

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1964-0721>

BRUNA GABRIELA QUOOS⁵

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2592-9337>

RESUMO: O texto pretende compreender, na perspectiva da relação filosofia da educação, psicanálise e educação, a viabilidade da institucionalização de práticas dialógicas informadas como contraponto e prevenção à violência na educação. Para isso, trata das dificuldades de seus registros em arquivos e o imperativo de (re)construir mediações dialogadas e propositivas, com vistas a sua melhor compreensão e enfrentamento na convivência da relação educando e educador. O objetivo é investigar hermeneuticamente as contribuições de Freud, Adorno e Derrida sobre a relação entre violência, linguagem e memória. Além disso, pretende auscultar os professores e gestores de escolas públicas de cinco (5) municípios gaúchos, através da análise de uma experiência de ensino e pesquisa realizada através do curso de Ciências da Religião – UAB/UFSM. O intuito é lidar de forma edificante com o lugar vago da docência de forma dialogada e esclarecida, pretendendo (re)construir mediações teóricas e estratégias de intervenção como forma de enfrentamento à violência na/da educação. Nesse sentido, levanta subsídios na reflexão dialógica da prática pedagógica de educadores das redes de ensino, no sentido de problematizar o significado da relação teoria e prática na formação de professores, em tempos de exceção normalizadora e da ausência de arquivos contendo informações específicas de cada escola.

Palavras-chave: Filosofia da Educação, Psicanálise, Educação, Arquivo, Hermenêutica.

ARCHIVES OF SCHOOL VIOLENCE: NEW CHALLENGES IN RELATIONSHIP BETWEEN PHILOSOPHY OF EDUCATION, PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION

ABSTRACT: The text intends to understand, from the perspective of the relationship between philosophy of education, psychoanalysis and education, the feasibility of institutionalizing informed dialogical practices as a counterpoint and prevention of violence in education. For this, it deals with the difficulties of their records in archives and the imperative of (re)building dialogued and propositional mediations, with a view to their better understanding and coping in the coexistence of the student and educator relationship. The aim is to hermeneutically investigate the contributions of Freud, Adorno and Derrida on the relationship between violence, language and memory. Also, want to listen to teachers and

¹ O termo de aprovação do “Comitê de Ética de Pesquisa”, sob nº CAAE 49293021.5.0000.5346, encontra-se ao final do documento.

² Professor Titular da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS/Brasil e pesquisador PQ-1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq/Brasil. Santa Maria (RS), Brasil. <trevisanamarildo@gmail.com>

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/CE/UFSM. Santa Maria, (RS), Brasil. <bibiana.silveira@gmail.com>

⁴ Orientador Educacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense e doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Bagé (RS), Brasil. <alexandre.oli.sil@gmail.com>

⁵ Licencianda Pedagógica - UFSM, bolsista PIBIC- CNPq. Santa Maria (RS), Brasil. <brufqsm@gmail.com>

managers of public schools in five (5) municipalities in Rio Grande do Sul, through the analysis of a teaching and research experience carried out through the undergraduate course on Religion Sciences – UAB/UFSM. We aim to deal in an edifying way with the vacant place of teaching in a dialogued and enlightened way, in order to (re)build theoretical mediations and intervention strategies as a way of confronting violence in/in education. In this sense, it raises subsidies subsidies in the dialogic reflection of the pedagogical practice of educators from the educational networks, in order to problematize the meaning of the theory and practice relationship in teacher education, in times of normalizing exception and the absence of files containing specific information from each school.

Keywords: Philosophy of Education, Psychoanalysis, Education, Archive, Hermeneutic.

ARCHIVOS DE VIOLENCIA ESCOLAR: NUEVOS DESAFÍOS EN LA RELACIÓN ENTRE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN, PSICOANÁLISIS Y EDUCACIÓN

RESUMEN: El texto pretende comprender, desde la perspectiva de la relación entre filosofía de la educación, psicoanálisis y educación, la viabilidad de institucionalizar prácticas dialógicas informadas como contrapunto y prevención de la violencia en la educación. Para ello, aborda las dificultades de sus registros en archivos y el imperativo de (re) construir mediaciones dialogadas y proposicionales, con miras a su mejor comprensión y afrontamiento en la convivencia de la relación alumno-educador. El objetivo es investigar hermenéuticamente las aportaciones de Freud, Adorno and Derrida sobre la relación entre violencia, lenguaje y memoria. Además, pretende escuchar a los profesores y directivos de las escuelas públicas de cinco (5) municipios de Rio Grande do Sul, a través de un análisis de una experiencia docente e investigadora realizada a través del curso de Ciencia de la Religión - UAB / UFSM. El objetivo es afrontar de forma edificante el lugar vacante de la docencia de forma dialogada e iluminada, para (re) construir mediaciones teóricas y estrategias de intervención como forma de afrontar la violencia en / en la educación. En este sentido, eleva los subsidios en la reflexión dialógica de la práctica pedagógica de los educadores desde las redes educativas, con el fin de problematizar el significado de la relación teoría-práctica en la formación docente, en tiempos de excepción normalizadora y ausencia de archivos que contengan información específica. para cada escuela.

Palabras clave: Filosofía de la Educación, Psicoanálisis, Educación, Archivo, Hermenéutica.

INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é inspirado em uma experiência de ensino-pesquisa, a partir do desenvolvimento de um projeto de pesquisa no campo da filosofia da educação⁶, que trata sobre a violência na educação e as dificuldades encontradas, bem como os desafios dos seus enquadramentos na memória escolar. No Brasil, a violência ocorre pela falência do estado em promover políticas de igualdade social e inclusão, com oportunidades. Em consequência, temos nos últimos tempos uma onda ultraconservadora de tratamento do problema da violência desencadeado pelas políticas governamentais em curso, cujo lema é a defesa das armas e não dos livros, e que elege os negros e moradores das periferias urbanas como os alvos de uma verdadeira operação de higienização biopolítica. Segundo o artigo de Bueno, Marques, Pacheco e Nascimento (2019, p. 58): “Constituintes de cerca de 55% da população brasileira, os negros são 75,4% dos mortos pela polícia. Impossível negar o viés racial da violência no Brasil, a face mais evidente do racismo em nosso país.”

⁶ Projeto de pesquisa submetido ao sistema CEP/Conep e aprovado sob o cadastro XXXXXX.

Consideramos pertinente no estado em que nos encontramos, de uma verdadeira guerra civil não declarada em nossa sociedade⁷, questionar se as escolas - como um lugar que poderia colaborar para a construção de uma cultura da não violência -, dispõem, ou poderiam dispor de subsídios reflexivos sobre as noções de violência em arquivos. Tais repositórios poderiam reunir relatos ou narrativas sobre essas ocorrências, uma vez que, de acordo com pesquisa divulgada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é campeão mundial de violência contra o professor (GOMES, 2015).

Os estudos sobre a violência na educação brasileira⁸ encontraram guarida em áreas tais como a psicologia, que salienta a importância do comportamento humano e seus processos mentais, e a sociologia, no que diz respeito à conduta humana em função do meio e aos processos que interligam os indivíduos em grupos, associações e instituições sociais, ou seja, “uma de cunho nitidamente sociologizante, e outra de matiz mais clínico-psicologizante” (AQUINO, 1998, p. 8). Em geral, os estudos historicamente têm transcendido a relação da violência contra os alunos para abordar as violências plurais: aluno contra aluno, aluno contra professor e vice-versa, e ainda o vandalismo e a violência institucional (SANTOS; PEREIRA; RODRIGUES; 2013). Sendo um dos desafios maiores dos estudos da violência avançar em direção a referências mais amplos de análise, que envolvam a interdisciplinaridade – filosofia, psicanálise e educação, levando em conta que não existe memória espontânea, resolvemos relacionar teoria e prática na formação de professores a partir de uma experiência de ensino-pesquisa.

Para averiguar esta situação, resolvemos gerar uma pequena amostra aleatória de dados in loco a partir de entrevistas, seguindo a pesquisa documental extraídos a partir dos relatórios dos estudantes da disciplina de Filosofia da Educação do curso de Ciências da Religião – UAB/UFSM. Os dados foram gerados nas entrevistas com gestores (diretor/a, coordenador/a pedagógico/a, ou então orientador/a) e/ou professores de escolas públicas e particulares de cinco (5) municípios do estado do Rio Grande do Sul/Brasil, abrangidos pela oferta do curso, os quais se dispunham a responder a um questionário. A pesquisa se direciona para constatar a existência ou não de registros, em forma de arquivos nas escolas, materializados em atas, formulários, livro de anotações, etc., sobre casos de violência ocorridos na/da/para a escola e no seu entorno de cinco (5) cidades do estado do Rio Grande do Sul - RS/Brasil (Quaraí, São Francisco de Paula, Constantina, Cacequi e São João do Polésine). Os municípios foram escolhidos porque pertencem a cinco (5) polos do estado do Rio Grande do Sul como área de abrangência do curso de Ciências da Religião, ofertado pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) em convênio com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS/Brasil). Interessa saber se há algum tipo de preocupação com a preservação da memória da violência escolar, facultando o estudo, investigação ou reflexão sobre esses casos, visando compreender o seu significado na educação e para o cotidiano da escola. Obtivemos 47 respostas das 14 questões apresentadas. Neste artigo, vamos nos concentrar nas respostas às questões um (1), três (3), quatro (4), cinco (5) e sete (7) da pesquisa mencionada.

A lista das perguntas não precisava ser seguida rigidamente; ela era um roteiro para facilitar a geração e análise dos dados. Foram escolhidos os atuais e futuros educadores no campo da educação básica - escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio - como sujeitos desta pesquisa conjunta e colaborativa. Essa escolha se justifica pela premissa de Adorno (1995) de que um trabalho pedagógico em direção ao princípio maior - de que a barbárie de Auschwitz não se repita -, deve centrar-se principalmente na infância. Buscamos auferir dados, por intermédio das entrevistas, para perceber também se a formação que estão recebendo auxilia a trabalhar com situações de violência e conflito, lidar com a diversidade, com a violência daí oriunda ou situações similares. Em especial, interessa auscultar a opinião dos professores sobre o assunto, pois não raro as políticas e práticas pedagógicas são pensadas

⁷ No Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2016 (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016), consta que o Brasil registrou mais vítimas de mortes violentas intencionais (ou pessoas assassinadas) em cinco (5) anos do que a Guerra na Síria.

⁸ Para Charlot (2002), a violência na escola não pode se reduzir à violência física (que inclui golpes, ferimentos, roubos, crimes e vandalismos, e sexual), mas também envolve as questões relacionadas às incivildades (humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito) e, ainda, à violência simbólica ou institucional (compreendida, entre outras coisas, como desprazer no ensino, por parte dos alunos, e negação da identidade e da satisfação profissional, por parte dos professores).

alheias ao professor real e às suas necessidades prementes, o que leva Charlot a afirmar: “É essa a condição real do professor no Brasil, e, se queremos mudar a educação no Brasil, é preciso sempre pensar nesse profissional real, e não no professor santo ou militante” (2006, p. 11).

A proposta adota como eixo interpretativo a perspectiva da hermenêutica desconstrutiva, “desenvolvida, entre outros, por Derrida (2001), (que) vai afirmar a alteridade radical no seio do próprio horizonte interno da obra” (CAMPOS; COELHO JR., 2010, p. 253). Por isso, a luta contra a essencialização metafísica e a afirmação da diferença como constituinte dos sentidos. Ela tem posições que divergem de outras metodologias, como, por exemplo, a positivista, que exige confirmação de dados a cada passo de tudo o que dizemos ou fazemos, enfatizando o ambíguo, o móvel e o descentrado, tecendo críticas à linguagem referencial e à historicidade linear. A hermenêutica desconstrutiva se aproxima da psicanálise porque trabalha com sinais, com enigmas, disfarces, fragmentos que emergem na escuta diferenciada ao estranho, muitas vezes identificado como acessório. E por isso, em lugar do trabalho laborioso de checagem permanente do que está sendo dito, importa capturar o espírito do interdito, o não dito, o que foi silenciado ou reprimido ao longo do processo mas que denota a irrupção dos sentidos na trama de símbolos inconscientes trazida pelo paciente. Em síntese, como afirmam ainda Campos e Coelho Jr., “em vez de uma ontologia essencialista, o que se tem é uma ontologia da diferença” (2010, p. 253).

Para a psicanálise, a simbologia da morte do pai corresponde à perda da autoridade original, que deixa um lugar vago para ser preenchido pelos que vêm a seguir, o que estabelece relações com a função docente diante do cenário de violência e falta de reconhecimento da sua atuação. No lugar da acentuada crise de autoridade que vivemos, provocada originalmente, segundo a psicanálise, pelo assassinato do “pai fundador”, o espírito neoconservador atual visa a implementar a repressão do biopoder, em que a violência é vista por intermédio “da noção de herança genética e de processo de reinscrição de arquivos herdados” (SELIGMANN-SILVA, 2014, p. 35), para que não mais se repita. Desse modo, a hipótese que tentamos desenvolver é que, diante da crise de autoridade docente, expressa na violência recorrente a que está sujeito, o professor procura fazer valer a “transferência pedagógica” para instâncias exteriores à escola. Busca assim preencher a lacuna “da tirania do Um”, como diria Derrida, através da renúncia de sua função de autoridade. Tais atitudes devem ser interpretadas no contexto de excessão normalizadora que estamos vivendo como uma forma de autoproteção dos docentes, uma vez que eles não estão seguros da importância de registrar as ocorrências em arquivos e temem pelo envolvimento de sua integridade pessoal.

Entretanto, essa perspectiva precisa ser contrastada, porque na perspectiva da hermenêutica desconstrutiva a violência conserva resquícios ainda metafísicos:

Todavia, seria possível investir nos atalhos, sempre indiretos, para que crueldade ou destruição, dois nomes comumente atribuídos à pulsão de morte, não encontrassem expressão em suas formas extremas que evidenciam a intolerância às diferenças, o que, doravante, estamos chamando – segundo a proposta derridiana – de tirania do Um. (CANAVÊZ, 2017, p. 427).

Assim, tendo presente a necessidade de propor um modelo de formação sensível aos riscos da barbárie (ADORNO, 1995), inerente ao processo civilizatório, atento também à dor do outro, convertida em fenômeno coletivo por conta do ressurgimento dos autoritarismos a nível mundial, procuraremos, no texto, tecer cruzamentos entre as noções de violência e linguagem em sua relação com a preservação da memória. Tal é o que almejamos discutir nessa etapa da pesquisa, a partir do referencial teórico utilizado na congruência interdisciplinar entre filosofia da educação, educação e psicanálise. Afinal, como refere Birman: “A psicanálise acabou por incorporar uma série de ponderações críticas formuladas pela filosofia, da mesma forma que esta também inscreveu, no seu corpo teórico, uma série de questões enunciadas pela psicanálise” (2003, p. 7).

Desse modo, pretendemos apresentar, num primeiro momento, alguns dados gerados na experiência de ensino-pesquisa realizada com gestores e professores de escolas públicas dos cinco (5) municípios mencionados, ocorrida no segundo semestre do ano de 2020. A seguir, objetivamos mapear estas questões no confronto dos dados levantados nas entrevistas na correlação da prática com a teoria, levando em consideração o referencial teórico adotado. O objetivo é favorecer a reflexão sobre uma

outra forma de abordagem dos arquivos da violência colaborando para o seu enfrentamento na escola, não por mecanismos disciplinares ou de repressão, mas para debelar, diminuir ou distender os conflitos e a violência, segundo mediações interdisciplinares, dialogadas e esclarecidas.

NARRATIVAS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Não é possível falar de violência no ambiente escolar sem resgatar sua questão axiológica - a autoridade docente. Autoridade que, numa retomada historiográfica, denota a origem destas ocorrências e comportamentos que cancelam uma educação tradicional e positivista que, como aparelho ideológico do Estado, supervaloriza a norma em detrimento do desejo (CHARLOT, 2019). Posteriormente, transita para uma educação que busca, em resposta a esta questão, se reorganizar, na contemporaneidade, sobre bases mais progressistas, humanistas, dialógicas e intersubjetivas, focada na ação transformadora da realidade vivida.

A autoridade docente esteve e está, contudo, alicerçada historicamente numa relação de poder, de amor e ódio deste com os educandos em meio ao processo educativo. Sendo assim, por vezes pode trazer resquícios deste passado opressor – o que explica a “naturalização” da violência ainda presente nas escolas, que também incide sobre os próprios professores, nas relações e em conflitos com seus pares. Por isso, em relação a questão 1, se “já ocorreram atos de violência (verbal, física, psicológica) na escola e, em caso positivo, quais os tipos de violência que ocorrem dentro do ambiente escolar?”, 45 docentes relataram ter enfrentado ou saber de acontecimentos relacionados à violência na escola. Já em relação aos tipos de violência, 17 entrevistados afirmaram que existe violência, mas não discriminaram a forma de sua ocorrência; 13 entrevistados indicaram que existem os três tipos de violência (física, verbal e psicológica); 8 apontaram que existe violência física e verbal; enquanto 3 disseram que ocorre somente na forma física e psicológica; por fim, 4 relataram que esta se manifesta apenas de maneira verbal.

É nessa linha o comentário da entrevistada 17, quando sugere que a escola deveria ser o local de formação moral e ética das pessoas. No entanto, complementa: “Apesar disso, muitas vezes o que vemos são ações opressivas, retratadas pelo poder e autoritarismo dos professores, coordenadores e direção, numa estrutura hierárquica, onde os alunos ficam no meio dos conflitos, que acabam por refletir na sala de aula. Outros fatores importantes a lembrar como motivos de conflitos é a baixa qualidade do ensino ofertado no país, e ainda, encontrar uma forma de torná-lo atrativo aos alunos, para coibir os índices de abandono e de reprovação.”

Já com os educandos, alguns depoimentos repercutem posições de conformismo paralisante – com reforço da aceitação desta autoridade violenta – ou então de reação e enfrentamento – posicionamento este que, dependendo de como é abordado pela escola, pode também redundar em situações reativas de reforço do conflito e/ou da violência escolar ou na promoção da autonomia dos educandos circunscrita numa ação baseada no diálogo e no respeito aos direitos humanos e à diversidade.

A autoridade docente está sendo hoje, mais do que nunca, colocada em xeque dada a nova autoridade emergente - a “autoridade algorítmica digital” (ZUIN e ZUIN, 2019), quando o poder do conhecimento sai do domínio exclusivo do docente e transita para o domínio público, da cultura digital, da internet, dos sites de busca, acessível pelo celular e de qualquer lugar. É nesse sentido a inquietação expressa no depoimento da entrevistada 37: “com o avanço da tecnologia muitos tipos de violência, migraram para as redes sociais.” E isso leva ao questionamento por parte dos educandos da relevância do papel do professor neste novo contexto que se estabelece. Conjetura na qual, nos últimos anos, têm sido evidenciadas crescentes situações de cyberbullying direcionadas aos docentes e discentes.

Essa questão pode assim ser vista do ponto de vista da psicanálise:

O discurso dominante corresponde a um progressivo declínio do Nome-do-Pai, que acaba por lançar o sujeito em busca de atos simbólicos e esta é a condição do delinquente: através de seu delito ele faz um apelo à lei, a uma lei simbólica que é, justamente, aquela que lhe falta. (FONTES, 2010, p. 79).

Porém, como sabemos pelas experiências do holocausto, o caminho da força só abre a porta para a eclosão da violência do estado de exceção. Assim como Freud (1980) fala de um duro golpe sofrido pela humanidade no seu narcisismo primitivo⁹, também a docência sofreu um duro golpe ao passar, como afirma Charlot (2019), da centralidade da “norma” para o “desejo” com a mudança da pedagogia tradicional para a pedagogia nova. O descentramento da figura do professor para o estudante não resolveu o problema, como queriam algumas teorias e metodologias, pois não foi acompanhado de condições formativas e ambientais que dessem o amparo necessário às escolas para efetivar esta mudança. Resulta que temos hoje no Brasil um quadro assustador de desrespeito ao professor, ao seu conhecimento e ao ambiente escolar.

Por isso há necessidade de repensar as nossas teorias e práticas, no sentido de evitar, ou pelo menos prevenir a reprodução da violência ocasionada pelo “mal de arquivo” da educação (DERRIDA, 2001), porquanto fixada apenas nos aspectos negativos da violência. Derrida chama de “mal de arquivo”, numa alusão ao “mal radical” da Segunda Guerra Mundial; mal que, motivado pela pulsão de morte ou de destruição, anula o potencial do arquivo e contribui para seu aniquilamento, ou seja, para o seu esquecimento.

O “medo” existente na recuperação dos arquivos dos conflitos e da violência está, por sua vez, na descoberta do seu “pai fundador”, quando este acaba por ser substituído por outro, subvertendo, desta forma, as possibilidades de uma efetiva interpretação dos fatos ou mesmo do histórico da violência no ambiente. O arquivo da violência acaba sendo corrompido, assim como a própria noção de autoridade, inviabilizando a reflexão docente e a conseqüente ação profilática para que estes fatos não se repitam. Posicionamento este que em nada contribui para o objetivo educacional apresentado por Adorno de que: “O centro de toda a educação política deveria ser que Auschwitz não se repita” (1995, p. 137). Assim, no lugar vago da docência se institui uma falta que culmina na repetição (de normas, de procedimentos e de arquivamento em atas) que pouco contribui para evitar a insurgência periódica da violência na escola, impetrando um círculo vicioso que a retroalimenta.

Exemplo disso, quando perguntamos, na questão 3, “como a escola se posiciona em relação aos casos de violência?”, assim se dividiram as respostas: para 23 entrevistados a escola busca mediar os conflitos por meio de parcerias com órgãos competentes (Núcleo de Educação e Prevenção (NEPRE), Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar (CIPAVE)¹⁰, Rede de Apoio à Escola (RAE), que são órgãos e programas ligados à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (RS/Brasil), Conselho Tutelar, Brigada Militar, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Delegacias especializadas, Coordenadorias Regionais de Educação), família e comunidade escolar no geral. Já para 11 entrevistados a escola busca mediar os conflitos dentro do ambiente escolar, com o apoio da equipe diretiva, família e comunidade, trazendo orientação e acolhimento aos envolvidos. A escola trabalha com o objetivo da prevenção, da aceitação e do respeito de cada um dos seus membros. Além disso, participa do Programa CIPAVE, buscando parcerias que auxiliem no trabalho de prevenção e combate à violência e também busca fazer o encaminhamento dos envolvidos em casos de violência para o Setor de Orientação Educacional (SOE). Na verdade, chama-se os responsáveis pelos alunos que cometeram a violência e ocorre o encaminhamento dos envolvidos para o setor responsável de orientação educacional. A escola ainda faz palestras, conversas com a Orientação Educacional e desenvolve parceria com o Conselho Tutelar. As palestras são relacionadas à tolerância e ao respeito à diversidade, e que isso se dá nas aulas de forma transversal.

Em casos de violência física, é realizado um Boletim de Ocorrência interno da escola e é acionada a Brigada Militar. Quando acontece algum conflito sem danos físicos, os envolvidos são

⁹ Referimo-nos aos três golpes sofrido pelo narcisismo da humanidade, descritos por Freud em “*Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*” (1917): o golpe cosmológico, de Nicolau Copérnico (1473-1543), o golpe biológico, de Charles Darwin (1809-1882); e o golpe de natureza psicológica, da própria Psicanálise, na passagem do século XIX para o século XX.

¹⁰ O Programa CIPAVE atua em parceria com as demais secretarias de governo, buscando orientar a comunidade escolar no enfrentamento da violência. Foram implantadas na rede pública de escolas do RS por meio da Lei Estadual, nº14.030 de 26 de junho de 2012 com uma série de objetivos, visando proporcionar maneiras de combate e prevenção dentro da escola em parceria com diversos órgãos de segurança pública.

convidados a dirigirem-se à sala de orientação educacional para uma conversa. Para 8 entrevistados a escola dá ênfase ao diálogo com os envolvidos e registra os casos de violência. Enquanto 1 entrevistado apenas manifestou não haver ocorrências de violência no seu ambiente de trabalho escolar.

E quando indagamos (questão 4) “se existem dados na escola em relação à violência”, 34 entrevistados responderam que sim, isto é, que existem dados disponíveis nas escolas a este respeito. Porém, são formas convencionais de registros, como as Atas, cadernos de anotações, ou mesmo a escola se posiciona como mediadora, chamando os pais ou o Conselho Tutelar. Já 9 entrevistados disseram que não há registro algum dos fatos. Enquanto 2 entrevistados não sabem ou não responderam. Embora a maior parte salienta que existem repositórios de dados, no entanto observamos que o trabalho com os envolvidos se limita à função mediadora que a escola exerce junto à comunidade. Não é referendado que há um trabalho reflexivo envolvendo professores, alunos, técnicos e comunidade escolar no sentido preventivo, para que tais ocorrências não se repitam, ou para que a escola não esteja diante desses fatos como se fosse a primeira vez. Exceção foi de uma escola, em que mesmo ficando somente restrita ao ensino médio, houve um trabalho bem importante nesse sentido, como bem refere a entrevistada 21: “Diante do levantamento feito somente no ensino médio, constatou-se que havia uma necessidade urgente de enfrentamento, antes que houvesse situações mais graves e que abalasse a comunidade escolar, como a perda de vidas.”

Crítica dos arquivos da violência escolar

Há que se definir, porém, o tipo de repetição a que estamos referindo do ponto de vista psicanalítico, posto que, para Freud, haveria dois tipos, ou seja, “a repetição do mesmo e a repetição diferencial; enquanto a primeira se aproxima da reprodução (na medida em que é estereotipada), a segunda é produtora de novidade e, portanto, fonte de transformações” (GARCIA-ROZA, 1988, p. 24). Embora sejam iniciativas louváveis, observa-se que o padrão inconsciente que se reproduz é o da “repetição do mesmo”, aquele que expulsa a violência do esquema simbólico para fora da escola, seja por solicitação de auxílio à Brigada Militar, ao Conselho Tutelar, às redes de apoio, ou mesmo pelo preenchimento dos dados e registros de ocorrência para o Programa CIPAVE, etc.

Conjuntura preocupante, que denota um problema relacionado à importância dada a estes arquivos e a seu potencial de fornecer dados e informações que possam subsidiar ações e projetos focados na prevenção de situações de conflito e/ou de violência escolar. O que pode indicar uma tendência ao esquecimento destes arquivos, já que se relacionam a uma realidade que, muitas vezes, mesmo que não claramente, precisa ser apagada. Isso por se tratarem de ocorrências “vergonhosas” para o contexto escolar e que assim que “resolvidas”, são dadas como “encerradas” e, neste sentido, não devem ser publicizadas. Ou seja, o que ocorre na escola, por ela é esquecido, de forma que estas ocorrências não se tornem públicas e venham a manchar o nome da escola e/ou dos envolvidos. Tal prática leva a situações como a que comenta Chrispino e Dusí sobre a avaliação da violência escolar: “Dizemos que o problema é grave, mas não temos informações verdadeiras e específicas de cada escola para planejarmos as ações” (2008, p. 605).

Quando pesquisamos (questão 5) se “há algum tipo de trabalho com os envolvidos e, em caso positivo, descreva-o”, 41 depoentes disseram que a escola se posiciona dentro dos recursos cabíveis, através do diálogo com os alunos e o Serviço de Orientação Escolar (SOE) e também que adotam orientações legais mais severas se forem necessárias. Já para 2 entrevistados não há trabalho algum e 1 sujeito da pesquisa não soube responder. Diante do conflito ocorrido, a primeira atitude é a de acalmar os envolvidos, com o intuito de saber o porquê de recorrer à violência e tentar um acordo entre as partes. Em geral, as atitudes variam, mas há um padrão único (tirania do um) no sentido de se redigir uma ata sobre o ocorrido. Ou então, quando a situação não se resolve com a conversa, a direção chama a família para solicitar que ajude na resolução do conflito. Raramente o Conselho Tutelar é acionado, somente quando a família do envolvido não comparece ou o menor encontra-se em situação de abandono. O mesmo ocorre quando o ato de violência é do aluno contra o professor. Há conversas para encontrar uma solução, busca-se a parceria com a família do educando. Além de a escola realizar diálogos entre os

envolvidos, desenvolve atividades com círculos de paz e mediação para que se consiga resolver os conflitos dentro do espaço escolar. A coordenação pedagógica conversa com os alunos envolvidos e seus responsáveis. Sempre que possível são realizados palestras e projetos que promulguem a paz e a harmonia entre toda comunidade escolar.

Este padrão de expulsão ou transferência simbólica da responsabilidade pelo que acontece no contexto escolar mostra a necessidade de preservação da instituição-escola, por um lado, mas por outro lado revela também que a escola não se sente parte do problema e nem da solução do mesmo, por vezes. Sem iniciativas de mudança das práticas escolares, e de arquivos inscritos neste registro, na gestão do próprio processo de ensinar e aprender, haverá lacunas na inscrição do psiquismo, o que poderá contribuir para a eclosão de arquivos herdados, interpretados pela via genética, biológica e, portanto, biopolítica. Nesse aspecto, alguns professores relatam que há um costume herdado de outras eras em se gritar em sala de aula para ser ouvido. Muitas vezes, esse gesto passa a ser uma estratégia violenta de controle do ambiente da sala de aula, de silenciamento de opiniões não desejadas, ou de revolta contra ordens e regras. Não é incomum que professores falem em tom alto com seus estudantes, principalmente em episódios de indisciplina. Os estudantes também gritam, ameaçam e intimidam professores em sala de aula, muitas vezes para evitar punições ou para se impor na frente de outros colegas. Nesse caso, não é a falta de paciência ou a desorganização da classe que gera esse tipo de violência verbal, mas o interesse de um ou outro estudante.

Muitos já têm relações com a criminalidade que ocorre nas ruas e praças e continua na escola. Violência física e bullying acontece na maioria das vezes entre os estudantes, como foi o caso relatado pela entrevistada nº 5: “dois alunos gays foram chacoteados em uma brincadeira na festa junina da escola.” A violência psicológica também predominantemente acontece entre estudantes, em forma não só de bullying mas de outros tipos de ameaça ou intimidação.

Sobre a ocorrência de violência verbal e psicológica, propõem-se aos alunos através do diálogo estimular o convívio harmonioso oferecendo meios de aprimorar o comportamento. Já em relação à agressão física, a escola opta em realizar registros dos fatos, promovendo reunião entre os envolvidos e seus responsáveis. A coordenação pedagógica é acionada para conversar com todos os alunos envolvidos e responsáveis. Solicita que tomem providências e todas as conversas são registradas em atas na escola. Casos mais graves são encaminhados para algum órgão competente. Outros depoimentos referem que todos os casos são encaminhados à equipe diretiva (coordenador/a, orientador/a, diretor/a, supervisor/a). Há um primeiro contato com a “vítima” que sofreu a agressão, a seguir busca-se novas informações chamando a família, ou até mesmo o Conselho Tutelar. A Direção chama os pais, promove orientação e até mesmo a suspensão dos envolvidos.

Tais condutas se coadunam aos processos de repressão, que fazem parte da herança da concepção tradicional da escola em relação ao aluno indisciplinado: “Quando o mesmo se rebela ou é expulso da escola (como um produto não conforme uma produção fabril), faltam motivos para uma aderência e concordância deste aos valores sociais vigentes e sobram incentivos em favor de uma trajetória de delinquência e crime” (CERQUEIRA; LIMA et. al, 2017, p. 28).

Em relação à sétima questão, “existe violência da escola, a violência institucional ou simbólica?”, embora com alguns registros de falta de entendimento (4 entrevistados), ainda assim fica bastante evidente este reconhecimento por parte dos profissionais entrevistados de que historicamente foi se construindo uma cultura de “naturalização” da violência institucional e/ou simbólica no contexto escolar. Por isso, é difícil perceber a sua existência para quase metade dos entrevistados, ou seja, 21 pesquisados. Em vista disso, para esclarecer melhor a questão, poderíamos nos perguntar o que seria a violência simbólica ou institucional? Para fins de definição utilizaremos o conceito de Bourdieu e Passeron, para os quais a violência simbólica é: “Todo o poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força” (1975, p. 19).

Mesmo assim, para 17 entrevistados as respostas asseveram que a violência está presente na escola principalmente quando há a necessidade de se “punir” estudantes e professores. No caso de punições a estudantes, geralmente elas incluem algum tipo de “humilhação” verbal (violência psicológica),

ou de evento em que haja descontrole de emoções ou grande estresse. Ou tudo isso ao mesmo tempo. É comum que muitos professores resolvam problemas mais sérios de indisciplina levando adiante um episódio de violência verbal que o estudante começou ou causou. O caso mais relevante, no entanto, é a forma como a escola, muitos professores e coordenadores compreendem os estudantes. Por isso, a entrevistada 41 argumenta ser difícil responder a essa questão, “uma vez que a violência institucional pode ocorrer no momento em que se cobra uma padronização de comportamentos em sala de aula. Quando todos os alunos são avaliados através de um mesmo instrumento, ou quando o aluno é obrigado a assistir a todas as aulas teóricas e práticas.... enfim, quando se busca a homogeneização dos alunos, independentemente de sua origem, suas aspirações, suas dificuldades.”

O depoente 5 (cinco) garante que há sempre, no ambiente da escola, uma suspeição, um conflito de gerações, desconfiança gerada por origem social das crianças e adolescentes, o que justifica a tendência a desvalorizá-los e desmoralizá-los por serem de determinada idade ou classe social. Salienta ainda que uma das maiores violências que estudantes sofrem em escolas públicas é a falta de crédito em seu potencial, ou a falta de confiança nas suas bases morais por aqueles que deveriam educá-los. E por isso acham natural que a educação que recebam seja de “péssima qualidade”. É comum, em conversas de professores, que haja afirmação de que os problemas de aprendizagem dos estudantes que eles atendam seja por causa de sua pobreza e sua “miséria cultural”. Ou que sua origem determina comportamentos tais e que seja inútil tentar ensiná-los e, por fim, que muitos professores não consideram seus próprios estudantes como “pessoas civilizadas”.

Já os professores sofrem violência institucional por causa das relações internas de poder da instituição. Geralmente diretores e coordenadores têm um papel dúbio, de atender ao estudante, e mesmo às suas próprias demandas como docentes, ao exigir condições ideais de exercício da docência. De natureza diversa da violência institucional que o estudante sofre, a do professor aprofunda a erosão de sua autoridade e boas condições de trabalho, tornando-o vulnerável a estudantes e pais desconfiados e violentos, que cobram da escola pública qualidade e veem no docente o principal responsável pela sua falta. O entrevistado 12 comenta exatamente nesse sentido: “Os alunos hoje em dia desacatam professores e os pais muitas vezes dão ênfase aos filhos por desconhecer suas atribuições com a educação que devem ter com os mesmos.”

Talvez o modo de sanar preventivamente tais questionamentos e impedir a ocorrência de tais consequências seja definir mais precisamente o que se entende por arquivo e, em especial, o que seria o arquivo da violência e qual o seu papel na educação e nas escolas. Isso porque, como revela Costa: “Lançar um outro olhar para o arquivo escolar no presente é pensar as imagens com uso crítico, num projeto aberto, não esquecendo que para cada pessoa a relação com o arquivo se processa de uma forma” (2015, p. 3). Defendemos desse modo uma compreensão de qual é a atribuição da educação e da pesquisa neste caso, que sugere a adoção de medidas participativas e a implicação dos sujeitos pesquisados com o objeto temático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do texto foi propor uma discussão sobre a memória da violência na educação situada no patamar de justificação que relaciona filosofia da educação, psicanálise e educação, afeito ao contexto da “era da violência” contemporânea (BERNSTEIN, 2015). Para dar conta dessa tarefa, a proposta investigou hermeneuticamente literaturas sobre a violência na perspectiva das contribuições de Freud, Adorno e Derrida. O referencial teórico serviu igualmente para auxiliar a leitura hermenêutica dos dados gerados numa reflexão envolvendo ensino-pesquisa, realizado na disciplina de Filosofia da Educação, do curso de Ciências da Religião (UAB-UFSM). Nesse sentido, como a reflexão filosófica, educativa e psicanalítica sobre a violência, com o estudo da lógica do pensar, com a reflexão sobre a ética e os valores da convivência e com a sua visão de totalidade, contribui para o incremento da interpretação e para enriquecer o universo da convivência humana intra e extra escolar?

Na verdade, os dados sobre violência(s) no espaço escolar parece ser um tema ainda da ordem do interdito, do proibido. Como é característica de uma pesquisa hermenêutica ter como categoria central o diálogo, tornou-se desejável ouvir os professores a esse respeito através de entrevistas

consubstanciadas com a discussão teórica. Uma investigação dessa natureza, preocupada com a violência escolar, se constitui como um conhecimento interdisciplinar por excelência. A discussão não se questiona, portanto, sobre a possibilidade da representação da violência e os limites dessa possibilidade em forma de arquivos. Diferentemente, propomos um estudo tanto sobre a relação entre violência, memória e linguagem, quanto suas implicações para as teorias da educação, tendo como parâmetro as grandes violências das quais o século XX foi pródigo.

Percebemos ao longo da discussão e da análise dos dados que há um processo de assujeitamento dos estudantes às normas de sociabilidade da escola, fazendo perpetuar a sua forma de organização específica, malgrado as mudanças que ocorrem na sociedade mais ampla. Em poucos momentos observa-se que a escola reflete com os professores sobre os dados das ocorrências para modificar suas pautas frente a tais registros. Não há praticamente apontamentos nas falas dos entrevistados de que houve deslocamentos em relação às funções simbólicas fixas e pré-determinadas já assumidas. Embora haja iniciativas de levantamento de dados para o trabalho estatístico, como o Programa CIPAVE, interessa saber o que significa o trabalho efetivo com sujeitos, no que tange às possibilidades de intervenção com o intuito de mitigar as consequências da violência em situações concretas, questão para a qual parecem faltar respostas objetivas para além do padrão simbólico dominante.

Contexto educacional complexo que evidencia por um lado a dificuldade histórica do professor, da escola e da educação de lidar com estas ocorrências e, de outro, demonstra uma sobrecarga dos educadores e da escola com demandas sociais, que a colocam na posição de “tábua de salvação” da sociedade em constante crise, sendo, muitas vezes, mais um fim do que um meio das políticas públicas. Escola que, em função das suas múltiplas responsabilidades repassadas pela sociedade, como no mito grego de Atlas carrega o peso do mundo sobre os ombros. Situação que mais paralisa do que promove a prevenção no sentido de uma formação integral e emancipatória dos sujeitos epistêmicos para que atuem na contramão da reificação advinda do hipercapitalismo e da biopolítica atuais. Além disso, a volta ao debate da questão da autoridade não é um apelo ao saudosismo dos tempos passados, anterior à ruptura com a tradição. Mas ela nos desafia ainda hoje, pois o núcleo do problema levantado por Freud e Derrida permanece, de certa maneira, sem solução no contexto de democratização do processo pedagógico dos últimos tempos, uma vez que, devido ao lugar vago da docência, os limites do exercício da autoridade estão sendo objeto de “transferência pedagógica” para fora da escola.

Os graves problemas indicados no modelo da “repetição do mesmo”, com o fechamento do arquivo no âmbito da noção instrumental e a consequente produção da barbárie, a partir das reflexões de Freud e, mais tarde, Adorno e Derrida, recebem também uma nova configuração. Dessa forma, se abrem novas possibilidades para o arquivo, pois ele não fica condicionado apenas ao seu aspecto da reprodução: “Assim, o intérprete, como arquivista que é, fundamentalmente não deve apenas acolher a repetição que insiste no arquivo, mas também relança-la em direção ao futuro” (BIRMAN, 2008, p. 116). A noção derridiana “mal de arquivo” serve para analisar criticamente a memória do passado e, ao mesmo tempo, ela permite uma abertura para outras possibilidades, pelo modelo da “repetição diferencial” que contempla novas ações nesse sentido. O aprendizado para saber como lidar com conflitos, perturbações, traumas ou transições importantes nos diferentes ciclos da vida pode contribuir para a diminuição dos índices de violência, especialmente por intermédio do incremento de uma comunicação para a resolução não violenta de conflitos. Nesse aspecto, certamente irão colaborar para a reflexão sobre uma outra forma de abordagem dos arquivos da violência escolar e para o exercício da aprendizagem da docência. Acreditamos ser este um desafio, ou talvez um convite, para alçar um novo voo do Pássaro de Minerva no enfrentamento do desafio da violência pela raiz, para que “nos apropriemos de arquivos de modo criativo e antifascista” (SELIGMANN-SILVA, 2014, p. 55). Acolher ou apanhar significa, além disso, (re)construir mediações pedagógicas em forma de arquivos, que nos permitam lidar com a violência cada vez mais insurgente nas escolas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 47, p. 7-19, dez./98.

Disponível

em:

<<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/McscGNZXgMDPNzVCsf5rZ8D/?lang=pt&format=pdf>>

Acesso em: 14/07/2022.

BERNSTEIN, Richard. *Violencia: pensar sin barandillas*. Barcelona: Ed. Gedisa, 2015.

BIRMAN, Joel. *Freud e filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BIRMAN, Joel. Arquivo e Mal de Arquivo: Uma leitura de Derrida sobre Freud. *Natureza Humana*, 10 (1): 105-128, jan.-jun. 2008.

Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v10n1/v10n1a05.pdf>> Acesso em: 14/07/2022.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

BUENO, Samira; MARQUES, David; PACHECO, Dennis; NASCIMENTO, Talita. Análise da letalidade policial no Brasil. In.: *Anuário Brasileiro da Segurança Pública 2019*. Disponível em:

<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf> Acesso em: 04/07/2021.

CAMPOS, Érico Bruno Viana; COELHO JR., Nelson Ernesto. Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise. *Estudos de Psicologia I*. Campinas, SP, 27(2), p. 247-257, abril - junho 2010.

<<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200012>>

CANAVÊZ, Fernanda. Da resistência autoimunitária ao múltiplo da psicanálise. *Revista Psicologia USP*. V. 8, n. 3, p. 424-431, 2017.

<<https://doi.org/10.1590/0103-656420150202>>

CERQUEIRA, D.; LIMA, R. S. de (et. al.). *Atlas da violência 2017*. Rio de Janeiro, IPEA e FSBSP, jun. 2017. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf>

Acesso em: 02/07/2022.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área do saber. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/WM3zS7XkRpgwKWQpNZCZY8d/?format=pdf&lang=pt>>

Acesso: 14/07/2022.

CHARLOT, Bernard. A questão antropológica na Educação quando o tempo da barbárie está de volta. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 161-180, jan./fev. 2019.

<<https://doi.org/10.1590/0104-4060.62350>>

CHARLOT, Bernard. Violência na escola: como os sociólogos franceses tem abordado essa questão. *Interfaces*. Sociologias, Porto Alegre, Ano 4, Nº 8, jun/dez, 2002, p. 432-443.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?format=pdf&lang=pt>>

Acesso: 14/07/2022.

CHRISPINO, Álvaro; DUSI, Miriam Lucia Herrera Masotti. Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz. *Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas em Educação*. Rio de Janeiro: v. 16, n. 61, p. 597-624, out./dez. 2008.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/wgXgNmtrfL6hxnDPBywJPSt/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 14/07/2022.

COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo. Reflexões para um pesquisar na interface da educação e da arte: convergindo desejo, memória e arquivo pessoal. In.: 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 2015, Florianópolis. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/reflexoes-para-um-pesquisar-na-interface-da-educacao-e-da-arte-convergindo-desejo> Acesso: 14/07/2022.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FONTES, Ana Maria Moraes. Violência nas escolas: a crise da autoridade. *Educ. foco*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 77-85, mar 2010/ago 2010.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016*. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf. Acesso em: 08/07/2022.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da Psicanálise [1917]. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVII.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GOMES, Luiz Flávio. *Brasil: campeão mundial de violência contra professores*. 2015. Disponível em: <https://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/136798228/brasil-campeao-mundial-na-violencia-contraprofessores>. Acesso em: 04/07/2022.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PEREIRA, Milene Rejane; RODRIGUES, Érica Renata Clemente. Violência na escola: considerações a partir da formação docente. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 31, n. 2, 573-590, mai/ago. 2013.
<<https://doi.org/10.5007/2175-795X.2013v31n2p573>>

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Sobre o anarquivamento - um encadeamento a partir de Walter Benjamin. *Poiesis* (Niterói), v. 24, p. 35-58, 2014.
<<https://doi.org/10.22409/poiesis.1524.35-58>>

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. e ZUIN, Vânia Gomes. A autoridade do professor no contexto da autoridade algorítmica digital. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 30, p. 1-24, 2019.
<<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0038>>

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

Autora 1 – Coordenador do projeto, com participação ativa na geração e análise dos dados, bem como na revisão da escrita final.

Autor 2 – Auxiliou na geração dos dados e na escrita do texto.

Autor 3 – Auxiliou na geração dos dados e na escrita do texto.

Autor 4 – Auxiliou na geração e análise dos dados e na escrita do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Teorias da violência na educação: formação de professores para atuar em situações de conflito

Pesquisador: Amarildo Luiz Trevisan

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 49293021.5.0000.5346

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

Patrocinador Principal: CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLÓGICO-CNPQ

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.839.448

Apresentação do Projeto:

O projeto se intitula "Teorias da violência na educação: formação de professores para atuar em situações de conflito" e se vincula ao Centro de Educação.

No resumo do projeto consta o seguinte texto: "O projeto busca tratar o tema da violência nas teorias da educação a partir das reflexões abertas desde o texto Para uma crítica da violência, de Walter Benjamin. Vários filósofos contemporâneos como Marcuse, Derrida, Bernstein, Žižek e, inclusive, Agamben e Honneth têm-se debruçado diretamente sobre esse texto para escrever sobre o tema da violência, porém a discussão ainda não foi suficientemente enfocada pela educação. A temática da violência constitui uma base referencial indireta, mas substancial, também para outros autores não menos importantes, como Levinas, Gadamer, Hannah Arendt, Sen, Paul Ricoeur, René Girard e Nussbaum, cujas reflexões têm incidências diretamente importantes para a educação, especialmente em seus fundamentos. Nesse artigo que tomamos como base referencial de abertura desta pesquisa, Benjamin aborda a questão da violência relacionada ao direito, mas de um ponto de vista moral. Entretanto a sua tese - de que há um tipo de violência que não se enquadra nas categorias tradicionais da coerção, e que é puro meio, não fim, citando o caso da educação -, ainda necessita ser mais bem desenvolvida. Por isso a investigação busca evidenciar como seria a violência não-coercitiva na educação e no que ela

Endereço: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa

Bairro: Camobi

CEP: 97.105-970

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3220-9362

E-mail: cep.ufsm@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA



Continuação do Parecer: 4.839.448

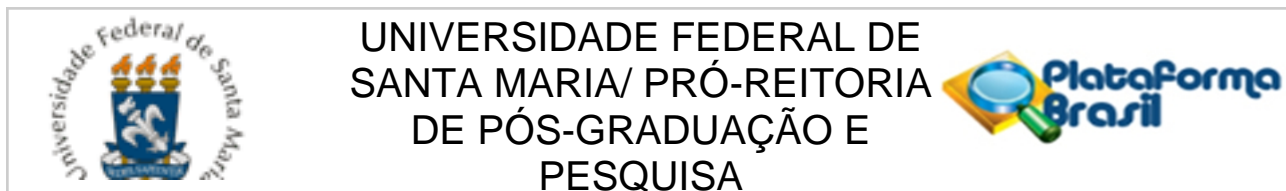
difere do conceito tradicional, violência esta reificada na educação via teorias referenciais dos fundamentos e práticas educacionais, contribuindo para a biopolítica da violência. Além disso, parte-se da análise de um caso concreto a partir de um estudo interdisciplinar, conjugado pela visão da História, Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação. A escolha deste caso foi devido a atuação prática de membros do Grupo de Pesquisa na estruturação de parte da resposta que foi usada para a gestão da crise na escola e na cidade e que levou ao acompanhamento dos detalhes do ocorrido, fazendo despertar a percepção da necessidade de se refletir sobre possíveis lacunas que a formação de professores está deixando de considerar. O que motivou a discussão, mais especificamente, foi o convite realizado para um membro do grupo de pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação - GPFORMA a atuar em um caso de homicídio premeditado de um menino de 11 anos, que estudava em uma escola da cidade de Três Passos – RS/Brasil, por aqueles que, supostamente, deveriam ser seus cuidadores e protetores. O desafio é investigar como a temática da violência aparece e se constitui ponto de referência às ações educativas contemporaneamente e como é possível fazer frente a este contexto a partir da investigação de um caso específico. Paralelo a isso também será efetuado um estudo tentando traçar um pano de fundo sobre a questão da violência nas escolas a partir de dados obtidos através de pesquisas comparativas entre Brasil e Espanha. Sendo assim, o objetivo do projeto está em analisar a desconfiança das teorias da educação em relação à questão da violência e a sua relação com a ausência da preocupação, na formação de professores, em trabalhar com situações de violência e/ ou conflito. Afinal, sob a influência de alguns teóricos, como o historiador italiano Mário Alighiero Manacorda, os sociólogos franceses Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, e o pedagogo checo Comênio, considerado o pai da didática moderna, o tema da violência na educação adquiriu, de certa forma, contornos negativos. Portanto, esta pesquisa exige um redimensionamento dos fundamentos e práticas educacionais, procurando inovar nas perspectivas sobre a compreensão da violência nas teorias da educação como condição para a formação de professores que consigam lidar com situações de conflito.”

No projeto constam revisão bibliográfica, descrição da metodologia, instrumentos de coleta de dados e orçamento.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a desconfiança das teorias da educação em relação à questão da violência e a sua relação

Endereço: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA**

Continuação do Parecer: 4.839.448

com a ausência da preocupação, na formação de professores, em trabalhar com situações de conflito.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Tendo em vista as características do projeto a descrição de riscos e benefícios pode ser considerada suficiente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória podem ser considerados suficientes.

Recomendações:

Veja no site do CEP - <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prpgp/cep/> - modelos e orientações para apresentação dos documentos. ACOMPANHE AS ORIENTAÇÕES DISPONÍVEIS, EVITE PENDÊNCIAS E AGILIZE A TRAMITAÇÃO DO SEU PROJETO.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1770292.pdf	10/07/2021 11:39:34		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLETeorias2.docx	10/07/2021 11:39:02	Amarildo Luiz Trevisan	Aceito
Declaração do Patrocinador	prorrogacao20242025teorias.pdf	08/07/2021 10:16:19	Amarildo Luiz Trevisan	Aceito
Declaração do Patrocinador	prorrogacao20232024teorias.pdf	08/07/2021 10:16:11	Amarildo Luiz Trevisan	Aceito

Endereço: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA



Continuação do Parecer: 4.839.448

Declaração do Patrocinador	prorrogacao20222023teorias.pdf	08/07/2021 10:16:02	Amarildo Luiz Trevisan	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	GAPprojetoteorias.pdf	08/07/2021 10:15:49	Amarildo Luiz Trevisan	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AutorizacaoInstitucionalTeorias.pdf	08/07/2021 10:14:53	Amarildo Luiz Trevisan	Aceito
Declaração do Patrocinador	aceiteteorias.pdf	08/07/2021 10:14:41	Amarildo Luiz Trevisan	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoTeorias.pdf	08/07/2021 10:13:50	Amarildo Luiz Trevisan	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoteorias.pdf	08/07/2021 10:13:27	Amarildo Luiz Trevisan	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 10 de Julho de 2021

Assinado por:
CLAUDEMIR DE QUADROS
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.